



DAVID LERER

**O
vermelho
e o
negro**



Amaré vermelha cobriu parte do Continente Negro durante duas décadas, soprada pelos ventos da Guerra Fria. Ondas de soviéticos, chineses e cubanos avançaram em praias acolhedoras ou se despedaçaram nos rochedos. Veio o refluxo, uma ressaca de vagas em debandada. As praias, que conheceram outras tempestades, continuaram as mesmas de há séculos. Apenas ficaram cobertas com os restos da maré vermelha, fuzis de assalto Automat-Kalashnikov. Cada africano que passava carregou um para a palhoça.

Os chineses - No início dos anos 60 a maior parte da África Negra (excluído o Congo Belga) vive a descolonização pacífica conduzida pela França e Inglaterra enquanto a República Popular da China atravessa a fase ultra-revolucionária do livrinho vermelho com citações de Mao. Kruschew se nega a confiar-lhe um protótipo de ogiva atômica e chama de volta todos os especialistas soviéticos em missão na China.

Em 1962 a crise dos mísseis em Cuba, quando Kruschew é obrigado por Kennedy a retirar-se humilhado, contrasta com uma estrondosa vitória da China sobre a Índia em conflitos de fronteira. A China aproveitada para chamar a URSS de "capitulacionista"; mais tarde aumenta a carga para "revisionista", em seguida "social-imperialista" até o rompimento completo entre os dois gigantes do comunismo. Doravante haverá uma "linha chinesa", marcada por uma contradição essencial: propagar a revolução pelo mundo afora mantendo ao mesmo tempo sistemático antagonismo com as posições da URSS. As conseqüências desastrosas no Terceiro Mundo dessa política só se farão sentir na década de 70. No início dos anos 60, a China ainda é sinônimo de revolução popular e camponesa.

O primeiro-ministro Chou en Lai visita a África em 1963-64. Num primeiro desafio aberto à liderança ideológica da URSS no Terceiro Mundo, faz contundente apelo à revolução nos países recém-saídos do domínio colonial. A maioria das novas elites se retrai, colocadas que foram no poder pelas ex-metrópoles, mas Julius Nyerere, um professor formado em Oxford que traduz Shakespeare para a língua suahili, agar-

ra o maoísmo com as duas mãos. Nyerere, presidente da Tanzânia, acaba de escapar por um triz de um golpe dos Africa Rifles. Para sufocar o levante dos soldados africanos, o anticolonialista radical Nyerere teve de pedir socorro à ex-metrópole britânica, que enviou o 45º Regimento de Paraquedistas de Sua Majestade.

Com isso, Nyerere é o primeiro a violar um dos cinco princípios sagrados da recém-nascida Organização da Unidade Africana (OUA), da qual é o mais ardoroso defensor - "resolver quaisquer conflitos num quadro estritamente africano". Nos anos seguintes, todos os princípios, mitos e dogmas de uma África unida e solidária serão espezinhadados um a um até nada sobrar da OUA.

Além da simpatia de Nyerere pelo socialismo camponês, o novo lema do Exército Popular da China - lutar, trabalhar, estudar - aparece no momento certo. Exército que trabalha duro não pensa em golpes de Estado. O rifle é substituído pela "daba", enxada curta africana. Em Lugalo Barracks, quartel próximo à base da FRELIMO (Frente de Libertação de Moçambique) no subúrbio de Dar-es-Salaam, vi uns 20.000 hectares plantados, criação de búfalos e galinhas.

Um negócio da China - Cortando na própria carne, a China patrocina uma gigantesca obra de engenharia, a TANZARA, estrada de ferro que se alonga do cinturão do cobre na Zâmbia até o porto de Dar-es-Salaam. Pagamento em trinta anos sem juros, a partir de 1983, dez anos após o início da construção da qual os próprios chineses se encarregarão. Chegam quinze mil técnicos e operários, todos vestidos igualmente de sarja azul acinzentada. Silenciosos, sempre sorridentes e em grupos, os chineses são mais simpáticos aos africanos do que os soviéticos. "Os chineses também foram colonizados pelos europeus" - explica Houphouet Boigny, presidente da Costa do Marfim - "e eles sabem se dirigir aos nossos corações. Não são como os outros cooperantes, que exigem geladeiras e ar-condicionado. Eles vivem a vida de nosso povo e são excelentes trabalhadores. Não se contentam apenas em ensinar, eles metem a mão na massa e essas coisas falam alto na alma dos nossos irmãos". Os chineses conseguem a proeza de fazer amigos tanto entre direitistas como esse Boigny como entre pró-soviéticos. "Os chineses não têm colônias" - diz Nyerere da Tanzânia -, "nem bases militares no exterior da China. Eles não vêm

DAVID LERER foi chefe do Serviço de Saúde da Frente de Libertação de Moçambique na fase final da Guerra de Libertação e diretor do Hospital Militar de Luanda, de 1975 a 1977.

Este texto foi escrito no final de abril de 1993

com segundas intenções". No Zaire, Togo, Mauritânia, mas também nos esquerdistas Moçambique, Madagascar, Tanzânia e Zâmbia, a China participa de projetos de desenvolvimento e seu desempenho desperta a admiração geral.

Os chineses não têm pressa. Foram os primeiros a chegar e todos sabem disso. "Aliada natural dos povos oprimidos", como se auto-intitula, a velha China não visa objetivos a curto prazo. Sem as necessidades de matérias-primas da Europa nem as preocupações estratégicas dos EUA e URSS, a China procura tornar-se indispensável pelas intervenções pontuais de assistência. Mas na hora dessa diplomacia de chá e simpatia não terá o peso dos canhões soviéticos.

Socialismos africanos - Na Tanzânia, Zâmbia e demais Estados-nações em busca de identidade, fala-se muito do "socialismo africano" como de uma ideologia afastada do marxismo clássico. "Humanista" é o termo usado na Zâmbia, "socialismo cristão" na África Ocidental, "*Ujamaa*" (socialismo da família ampliada) na Tanzânia, cujo objetivo é "eliminar definitivamente a fome em 1980".

A Declaração de Arusha de 1966, base do socialismo tanzaniano, tem como meta satisfazer seis necessidades básicas: comida todos os dias, água, roupa, calçados, uma casa de tijolos e vacinação. Um socialismo modesto, de vocação rural como a esmagadora maioria da população, e comunitário, na velha tradição africana do "*ujamaa villages*". Inspirado na ideologia da comuna agrícola chinesa em moda na época, busca adaptá-la ao enorme atraso africano sem pressão em demasia para conseguir "um socialismo de dimensão humana". Nada a ver com o marxismo-leninismo stakanovista da ditadura do proletariado, nem com luta de classes e Planos Quinquenais. Uma das expressões suahili que mais ouvi é "*kidogo kidogo*", igual a "devagar devagar".

Devagar quase parando. Os 9,5 bilhões de dólares - soma fantástica para um país tipo Tanzânia -, injetados pelos governos escandinavos ao longo de quinze anos, sustentam uma gigantesca burocracia de partido único e "*ujamaa villages*" coletivizadas de residência compulsória onde às vezes faltam água, estradas e terra arável. Muitos camponeses fogem de volta às suas aldeias ancestrais.

Há muitos elefantes na Tanzânia, e alguns são elefantes brancos. A Morogoro



Shoe Factory é um. Financiada pelo Banco Mundial e projetada com gigantismo stalinista para fabricar quatro milhões de pares de sapatos por ano, jamais ultrapassou 7% de sua capacidade produtiva. Ninguém na Tanzânia ou no Banco Mundial pensou na inexistência de mercado consumidor, na falta de energia elétrica e de couro suficiente. Outro elefante branco, e dos grandes, é Dodoma, a nova capital, construída a partir do nada numa região sem água sequer. É a inútil Brasília perdulária de um país paupérrimo. Funcionários públicos é que não faltarão: meio milhão numa população de vinte. Seus salários de miséria são complementados com as propinas de praxe sem as quais nada funciona na supercentralizada Tanzânia. O grosso da ajuda externa se destina à folha de pagamento.

Os preços do sisal, café e algodão exportados afundam ano a ano enquanto sobem os do petróleo e demais importações, maldição coletiva do Hemisfério Sul. Mas educação e saúde preventiva são das melhores na África Negra e os direitos humanos são respeitados, ao contrário do que ocorre nos Estados vizinhos. Tanzânia é o país do Subsaara que mais ajuda externa civil recebe; governantes honestos e equipes motivadas buscam apenas o socialismo possível - e mesmo assim seu socialismo africano e pacífico não decola. Ao contrário, caminha para trás, cada vez mais para trás. Logo abaixo se tenta a luta armada.

As últimas caravelas - As potências européias trocam em tempo um colonialismo já deficitário pelo rendoso neocolonialismo, mas o pequeno Portugal se aferra aos restos do outrora grande império. "Por culpa do fascismo salazarista a serviço do imperialismo", respondem logo. Mais uma frase feita. Portugal bem que gostaria de entrar no clube neocolonial mas não tem dinheiro sequer para pagar as jóias. Não consegue nem manter sob controle a economia colonial. Moçambique é um entreposto da África do Sul e Rodésia; as riquezas de Angola são todas exploradas por empresas estrangeiras. A burguesia local prosperou no setor de serviços e não vê a hora de se livrar da pátria-mãe para ficar com o bolo inteiro. Nacionalista, quer uma independência à rodesiana com governo de minoria branca.

Passados vinte anos e repensando sem paixões, acho que Portugal temia mais a

esses brancos do que à FRELIMO. Mas, dizia-se em Lisboa, se 200 terroristas treinados pelos chineses, protegidos pela Tanzânia, e armados com fuzis velhos e longas catanas - uns macondes fortes que poderiam ganhar seu rico dinheirinho nas minas da África do Sul - atravessam o Rovuma à noite e põem-se a atacar postos de polícia, vilas e fazendas dos patrícios no longínquo norte, o que se há de fazer? A Associação Comercial da Beira já está a gritar que a metrópole esfola de impostos o Ultramar mas não protege os cidadãos, e logo mais Lourenço Marques entra no coro com os sul-africanos por trás. Então vamos lá e Nossa Senhora de Fátima que nos proteja. Chamem a rapaziada de Trás-os-Montes e é pra frente, que pra trás mijá a burra!

Os portugueses. Nunca consegui sentir-lhes ódio. Aliás, que me perdoem os valentes, mas quem vai à guerra não sente ódio. Sente medo.

Guerra popular prolongada - No campo de Nachingwea, sul da Tanzânia, eram chineses os instrutores da FRELIMO e da Zimbabwe African People Organization (ZAPO, Rodésia). A estratégia, calcada na Grande Marcha de trinta anos de Mao Tsetung, se baseava na formação de "áreas liberadas" contíguas à fronteira com apoio da tribo local. Depois de consolidadas, avançar sem pressa e cercar as grandes cidades. Na verdade nunca chegamos a ter áreas completamente liberadas. Os portugueses mantinham postos isolados que eram regularmente bombardeados por pequenos canhões desmontáveis B-10 sem recuo; tinham duas rodinhas e um só homem podia transportá-los como se fossem carrinhos de feira - material soviético que começou a chegar no fim dos anos 60. As principais armas da guerrilha nada tinham de heróico, ao contrário. Eram as minas anticarros e antipessoais que matavam e alejavam indistintamente amigos e inimigos. Os portugueses também minavam nossas trilhas e ninguém fazia mapas das minas. Ainda assim os guerrilheiros sabiam identificá-las em tempo seco, mas os civis não. A quase totalidade das vítimas era civil, e continuou sendo, anos a fio depois da guerra, pois os campos nunca foram desminados.

Os dois tempos da ajuda soviética - Somente após cinco ou seis anos de luta os soviéticos passaram dos discursos na ONU à ação nas diversas frentes de guerrilha afri-

canas. Até então Cuba e o Vietnã não lhes tinham dado folga, explicaram. Sem dúvida. Observaram sem pressa até ver quais movimentos apresentavam condições mínimas de vingar. Nada de aventuras. Mas quando entraram foi para valer.

Não vi nem ouvi falar de nenhuma briga ideológica entre eles e os chineses. Eram militares e tinham mais o que fazer. Havia uma divisão de tarefas. Os chineses continuaram a treinar a infantaria enquanto os soviéticos ficaram com as especialidades como artilharia, demolições e comunicações, até porque eram eles que forneciam o material. Mesmo agora que tudo acabou, em março de 1993, os Estados Unidos, única superpotência e com problemas por toda a parte, pediram à ex-URSS, atual Rússia, que treinasse o novo exército de Moçambique ex-marxista, pois fabricou o equipamento e o conhece melhor do que ninguém.

Além do canhãozinho B-10, outra arma valiosa foi o RPG-7 (Rocquet Propelled Grenade, nomenclatura NATO), uma granada anticarro com alcance e poder perfurante superior ao da bazuca comum. A granada pontuda montada no tubo de lançamento longo de um metro lembrava uma gigantesca esferográfica. O fuzil de assalto AK-47, reconhecido nos telejornais pelo seu longo e curvo carregador de 30 tiros e presença constante nos tumultos e revoluções por esse mundo afora, era fornecido na primeira versão cal.7,62, mais reforçada, pois nossos camaradas recém-saídos do arco e flecha costumavam usá-lo como porrete uma vez esgotada a munição, e acabavam por quebrar-lhe a guarda feita de madeira leve. Seu maior problema para o combatente a pé era o peso da munição. Aliás o peso sempre foi o grande problema. Nesse ponto a indústria soviética mostrou criatividade e senso prático. Creio que a grande demanda obrigou à criação de uma linha de material bélico destinada ao combatente a pé do Terceiro Mundo. Armas leves e rústicas, eficazes, fáceis de manejar e fabricadas em enormes quantidades. As armas vinham sem peças de reposição mas como ninguém sabia consertá-las tais peças não faziam falta. Não existia manutenção e quando emperravam de vez eram "descartadas". Os únicos que vi consertarem armas foram os cubanos em Angola.

Havia excesso, desperdício e carência, tudo ao mesmo tempo, pois não se planejavam as necessidades sequer de uma semana. Poucos sabiam contar e muito poucos

conheciam as quatro operações. Como saber, se antes nunca precisaram?

A guerrilha foi uma amostra do que viria após a independência.

A Revolução dos Cravos - O SAM-7 é um foguete antiaéreo que mede cerca de meio metro e é disparado de um tubo apoiado no ombro. OSAM (Strategic Air Missil) foi decisivo na fase final da guerra do Vietnã e também na nossa modesta guerrilha de Moçambique. No focinho do foguete há um sistema eletrônico miniaturizado que guia e desvia o foguete em direção a qualquer fonte geradora de calor, raios infravermelhos, como as turbinas de aviões e helicópteros. O Alto Comando dos portugueses contava com o envio de centenas de caças e helicópteros excedentes quando os americanos tiveram de sair do Vietnã. Em vão. Chegaram apenas alguns helicópteros de combate "Huey" Cobra de focinho comprido equipados com duas metralhadoras giratórias de alto débito por minuto, além de um lança-granadas e dois deslizadores para foguetes anticarros ou antipessoais. Umás máquinas de matar assustadoras mas, como no Vietnã, foram derrubadas pelo foguetinho que gostava de calor e se enfiava escapamento adentro. Foi a gota d'água.

A perda do domínio aéreo era o pretexto que faltava para o exército português dar um basta numa guerra de desgaste que se arrastava há dez anos nas selvas da Guiné, Angola e Moçambique. Como bons lusitanos, já que começamos, que se faça o serviço completo numa só viagem. E num só 25 de abril de 1974 despacharam os dez anos de guerra mais quarenta de ditadura e, de quebra, as províncias de Ultramar.

Culpa da descolonização malfeita...

Outra resposta de mil e uma utilidades. Tem costas largas o colonialismo, paga pelo que fez e pelo que não fez. "Isso é herança do colonialismo" é frase tão comum na África como o lamentoso "ah, se nós tivéssemos sido colonizados pelos holandeses" ainda é no Brasil. Nos países nascidos sem derramamento de sangue da África Francesa, ou nas mesas do Colonial Office inglês a queixa é a mesma - descolonização malconduzida - que nas ex-colônias portuguesas. Nas primeiras, os proféticos René Dumont em *L'Afrique Noire est mal partie* (1962) e Franz Fanon no *Les desherités de la Terre* (1961) lamentam o fato de não ter havido revoluções armadas que - imaginam - teri-

am produzido elites dirigentes mais independentes das ex-metrópoles e com maiores compromissos com o campesinato, maioria esmagadora do povo.

Já em Moçambique e Angola, onde o que não faltou foi revolução armada, a queixa é da saída precipitada e irresponsável das autoridades e colonos, deixando atrás o caos e a briga entre facções rivais. Suspeito que uns e outros gostariam mesmo é que os colonos ficassem, desde que os cargos de direção, salários, mordomias, bons empregos sem trabalhar e o governo ficassem com os africanos da nova elite, que despreza o povo pobre ainda mais que o antigo colono europeu.

O que vem a ser uma descolonização "bem-feita"? Alguém pode me dar um único exemplo na História - um só - de descolonização "bem-feita"? Onde? Quando?

É por que razão a independência a ferro e fogo haveria de produzir melhores governantes e nações mais felizes? A épica luta pela independência do Haiti precedeu a Revolução Francesa, e Toussaint Louverture foi um líder cuja biografia teria de ser matéria obrigatória em qualquer escola primária do Terceiro, Segundo ou Primeiro Mundo. Está aí o desgraçado Haiti. Quem se candidata a uma visitinha *tout compris* inclusive dois ton-ton macoute como gentileza da casa?

A Indonésia foi colonizada por holandeses, parece. Qual dos nossos brasileiros nostálgicos de Maurício de Nassau gostaria de viver dois anos lá? Menos, um ano? Então seis meses com bolsa de estudo e passagem de volta? Quem se habilita? Há mudança de avião em Amsterdam cujo *free shop* é de primeira. Nem assim?

Qualquer descolonização envolve traumas e jamais pode ser bem "feita" ou "conduzida". O que se deve é tentar diminuir o sofrimento dos seres humanos e os prejuízos dos que vão e dos que ficam. Quanto à África ex-portuguesa, razão linha o falecido Samora Machel, na época presidente da FRELIMO. Entrou para medir a pressão, trancou a porta e disse: "Cá entre nós essa tal independência chegou cedo demais. Daqui a uns vinte anos seria bem melhor. Ainda não estamos preparados para tomar conta de Moçambique".

Luanda, 11 de novembro de 1975 - É hasteada pela primeira vez a bandeira vermelha e negra da recém-nascida República

Popular de Angola. Tropas regulares do Zaire, irregulares do FNLA e mercenários europeus se concentram em Quifandongo, distante 20 quilômetros da capital, que pretendem invadir de madrugada, após o bombardeio de preparação já iniciado ao meio-dia. Enquanto isso, duas colunas blindadas sul-africanas com um efetivo de 6.000 soldados, mais a UNITA de Jonas Savimbi e ex-comandos portugueses avançam a toda velocidade, uma vinda do sul e a outra do leste, com encontro marcado na barragem do Dondo, onde cortarão a energia elétrica e lançarão a ofensiva final. Luanda deve cair nas próximas 24 horas.

Ao entardecer parte o "Niassa" levando a bordo o último batalhão português, e os dois cargueiros soviéticos que aguardavam ao largo encostam no cais do porto. Tanques T-54, blindados de infantaria, "órgãos de Stálin" de 40 bocas atrelados a cavalos mecânicos saem dos porões diretamente para as frentes de combate.

Em cinco meses 15 mil expedicionários cubanos montados em blindados soviéticos e acompanhados pelos recrutas do incipiente exército republicano varreram de Angola a mais ampla e heterogênea aliança militar anticomunista jamais formada na África Negra. Do jornal *France Soir* de 15 de janeiro de 1976: "Os americanos, os chineses e a missão muito prudente da França ficaram, por mais incrível que pareça, no mesmo lado apoiando os rebeldes do Norte" (os congolezes do FNLA, também apoiados pelo exército do Zaire).

Em 27 de março os sul-africanos em retirada cruzaram a fronteira. No dia 1º de abril o general Ewelp, governador militar sul-africano da Namíbia, cruza o arame farpado da terra-de-ninguém e se encontra com o comandante cubano Cintas Frias para discutir o cessar-fogo. No interior do deserto Namíbio, segundo declaração recente do presidente De Klerk, a África do Sul dispunha de seis bombas atômicas prontas para lançar sobre Angola caso os cubanos invadissem a Namíbia.

Os soviéticos sabiam dessas bombas e sabiam também que os Estados Unidos não iriam deixar os sul-africanos em pânico fazer loucuras. Os soviéticos escolheram o melhor momento para sua mais audaciosa intervenção na África Negra. Os Estados Unidos acabam de ser batidos no Sudeste Asiático, o eleitorado grita nas ruas "queremos filhos vivos, Vietnãs nunca mais", e o congresso acaba de aprovar um projeto proi-

bindo ao Executivo o envio de armas para a guerra de Angola. Kissinger, clandestinamente, despacha aviões Hercules C-130 para montar uma ponte aérea, armas e dinheiro para recrutar mercenários, mas não em quantidade suficiente. Pior que a CIA ter agido foi tê-lo feito pela metade. Estimularam a África do Sul mas não deram todo o apoio prometido.

É assim que um belo dia o Ocidente acorda com a URSS instalada numa Angola rica em minérios e com uma larga fachada marítima sobre o Oceano Atlântico. Luanda está na mesma latitude de Recife. O grave não é o prejuízo econômico e sim a ameaça estratégica. Angola é a ante-sala da África do Sul, guardiã da rota do Cabo, vital para o abastecimento do Ocidente em petróleo. O canal de Suez é vulnerável e já tornou-se pequeno para os gigantes superpetroleiros modernos. Para os estrategistas do Pentágono a invasão vermelha na África Negra, esfera de influência ocidental, já está em pleno andamento. Com Angola nas mãos, os soviéticos pretendem instalar no Atlântico o equivalente ao que já possui no Oceano Índico em Berbera, Somália: uma base para submarinos nucleares e um centro de telecomunicações. É a Guerra Fria em pleno Atlântico Sul, quintal dos Estados Unidos!

Mais: ao salvar com mão-de-ferro e sem medir despesas o governo semimorto de Agostinho Neto, a URSS prova ao universo político africano que sua palavra vale ouro; que não faz jogo duplo e vai até o fim com um aliado - e isso cala muito fundo na perigosa África dos golpes e rasteiras. Quanto aos regimes progressistas e movimentos de libertação, o recado é ainda mais explícito: para nós da pátria de Lênin o internacionalismo não é uma palavra oca; olhem só o que fizemos pelo camarada Agostinho Neto na hora do aperto!

Num só lance a URSS mostra à direita africana que a superpotência rival, Kissinger, CIA e companhia não conseguem honrar seus compromissos e deixam os aliados a ver navios; e arrasa a China junto à área progressista jogando-a no mesmo campo do imperialismo, do *apartheid* e dos Mobutu.

O paciente trabalho chinês de dez anos é queimado em poucos dias. A simpatia se transforma em desconfiança e mesmo os velhos amigos como Nyerere e Samora Machel buscam distância. No 3º Congresso da FRELIMO, 1977, Samora ainda arranca



aplausos ao homenagear a memória de Mao e Chou en Lai, mortos no ano anterior. Mas não convidou nenhum chinês.

Nesse final dos anos 70, em Pequim, os radicais são aliados do poder, a "gang dos quatro", com a mulher de Mao à testa vai presa, e relações diplomáticas normais se reatam com os Estados Unidos. A China dá uma guinada pragmática. Arquivo o livrinho vermelho e a revolução terceiro-mundista e, com tenacidade e afineco típicos do Extremo Oriente, se dedica a superar seu próprio atraso material e tecnológico. Aliás, embora muitos marxistas não dêem valor a esses "fatores subjetivos", a tradição cultural e a filosofia de vida - ou a falta de ambas - que encontrei nas minhas aventuras africanas não ajudam em nada, ao contrário, trabalham contra o *take off* econômico da África Negra. Certas características que formam o charme do africano aos olhos europeus são inimigas mortais do seu desenvolvimento tal como é entendido por esses mesmos europeus. Jamais vou me esquecer da minha primeira trombada com

o jeito de ser africano, logo ao iniciar o trabalho no terreno com a FRELIMO. Eu chegava de Paris, onde aprendi com o vice-ministro de Saúde do Vietnã do Norte (infelizmente morto no último e estúpido bombardeio de Nixon sobre Hanói) "dicas" preciosas sobre a medicina da guerrilha vietnamita. Senti especial entusiasmo pelo hospital cirúrgico móvel que salvou vidas incontáveis do Vietcongue tentei implantar o sistema, com a urgência típica do recém-chegado. "É o foco luminoso para operar no escuro?", objetou o velho e bonachão *m'zei* Djakama. "Fácil", respondi, "suspende uma bicicleta, tira a roda da frente mas deixa a roda de trás rodando no vazio para carregar o dínamo de eletricidade; acerta o foco de luz da lanterna no campo cirúrgico e pronto. Aí é só pedalar sem parar". "Genial, camarada médico!" exclamou o *m'zei*. "E quando chegam os vietnamitas que vão pedalar?"

Isso não é uma "piadinha racista". Aconteceu mesmo, e outros fatos parecidos continuaram acontecendo. Desse episódio me lembro porque foi o primeiro, mas era todo dia e o dia inteiro, tanto assim que acabei me acostumando. A que não nos acostumamos nessa vida? Cansado de amputar pernas e braços fiz a maior campanha por convencer os guerrilheiros a cavar abrigos individuais para proteger-se dos bombardeios. Sem sucesso. Eles acreditavam mais nos amuletos do que na pá e picareta.

Maré montante - Com a vitória em Angola o prestígio soviético-cubano sobe em flecha. Seus blindados rodam na savana como se esta fosse a estepe russa. A maré vermelha se espalha pela Argélia, Tanzânia, as duas Guinéas, Madagascar, Serra Leoa, Sudão, Mali, Congo, Benin.

Os soviéticos não se iludem quanto à fidelidade ideológica dos seus parceiros. Sabem que estão sendo usados para chantagear o Ocidente, e pagam na mesma moeda. Manipulam o sanguinário Idi Amin depois de fornecer as armas que Israel primeiramente e a China em seguida, se negaram a vender ao tirano de Uganda. Elas por elas. O Ocidente tem um bandido chamado Mobutu? O nosso se chama Idi Amin Dada!

Tampouco ignoram a escala de valores: a família, a família ampliada, o clã ou a tribo, a região, a nação, e lá no fim a ideologia, nessa ordem de importância. Sem esquecer a religião, que sobrepára tudo. Fidel Castro se esforça ao máximo para

conseguir uma federação de nacionalidades no Chifre despedaçado da África. Impossível. O ex-sargento de Mussolini, Siad Barré, quer a Grande Somália, a estrela das cinco pontas, incorporando Djibuti, norte do Quênia, Somalilândia, Eritreia e o Ogaden, deserto pedregoso que faz parte da Etiópia. Os soviéticos são obrigados a escolher entre dois governos que se dizem marxistas mas são apenas nacionalistas. Escolhem a Etiópia do coronel Mengistu. No dia seguinte Siad Barré expulsa 9 mil conselheiros soviéticos da base de Berbera, os quais entrega aos americanos em troca de um bom dinheiro e apoio militar. Na sequência aproveita a crise etíope de 1977 para invadir o Ogaden e é expulso pelos cubanos. O resto da tragédia está nos jornais.

Enquanto isso, a África moderada grita "aquid'el Rei" e clama por socorro. Leopold Senghor, porta-voz dos bem-pensantes, afirma que a "Terceira Guerra Mundial já começou". O único jeito de sustar o fascínio que a maré vermelha exerce sobre os miseráveis é dar-lhes comida, roupa, poços, trabalho. Mandar dólares, fazer obras públicas, melhorar os preços das *commodities*, ajudar de todas as maneiras possíveis. Sem esquecer dos amigos leais que estão há dezenas de anos no governo defendendo a Democracia contra qualquer oposição que puser a cabeça de fora.

A superpotência americana e a Europa rica concordam e são obrigadas a descerrar os cordões da bolsa.

No entanto, as portas fechadas, os ocidentais lúcidos têm um discurso bem menos catastrófico. Em 1978, um diplomata francês que viria a ocupar altos cargos no governo Mitterrand nos disse que "os soviéticos não têm um plano de conjunto, uma estratégia global de desestabilização. Não são os soviéticos que desestabilizam a África. É a própria África que se desestabiliza sozinha. Os soviéticos simplesmente se aproveitam de todas as crises para se impor junto aos seus aliados e meter suas cunhas nas brechas que lhes foram abertas. Mas são realistas o bastante para não prejudicarem nossos negócios. Sabem que os presidentes querem foguetes Katiucha mas preferem um Veuve Cliquot ao champanhe da Geórgia. A única censura que se lhes pode fazer é de não respeitarem as regras do jogo da *détente*. Eles não são *fair-play*. Não sabem sequer se comportar à mesa como cavalheiros. Mas não têm nenhum plano de recolonização sistemática da África. Mes-

mo que tivessem não dispõem dos meios materiais para tanto. Os soviéticos estão blefando. Economicamente mal se agüentam em pé, e dentro de alguns anos vão desmoronar. Creia-me, o grande urso está ferido de morte”.

Maré vazante - E aconteceu. Refluxo da maré vermelha, fim da Guerra Fria, liquidação da URSS. Sobraram as Automat-Kalashnikov. Somente em Moçambique (renda *per capita* ainda menor que a da Somália) há mais de meio milhão delas sem qualquer controle. Lá, com 12 dólares compra-se uma boa AK de secundamão e já não se morre mais de fome.

Com o fim da Guerra Fria o já escasso poder de barganha da África Negra caiu a zero. Mas de que África estamos falando? Dos presidentes perpétuos e das burocracias corruptas? Ou dos milhões de camponeses que vagueiam pelas savanas e desertos? O que ganharam eles em trinta anos de independência? É duro confessar mas a situação dos miseráveis só piorou com o fim do colonialismo. Como na ex-URSS, com o fim do comunismo.

Os “guardiões da democracia” já não são necessários. Que se façam eleições multipartidárias e limpas, bonitas, como na terra dos brancos. Ridículo. Lembra o Colonial Office dos anos 50 que preparou constituições e instituições iguais à da Inglaterra para protonações que só tinham um nome, um chefe tribal e uma bandeira, meros ajuntamentos sem qualquer tradição cívica nem cultura democrática. “O que é bom para o Primeiro Mundo é bom para o Segundo, o Terceiro, qualquer Mundo.” Estão repetindo os velhos erros. Mas Jonas Savimbi, já antes da eleição, advertia que “só perderia se houvesse fraude, e fraude ele jamais aceitaria”. A seqüência está nos jornais.

A nova ordem é a desordem mundial - No *The Economist* de setembro de 1992 o estudo “Defence in the 21st. Century” diz que a Guerra Fria tinha ao menos um mérito: era um sistema de disciplina. Preservava a estabilidade não apenas ENTRE os países mas também DENTRO dos países. Havia um “capitão do time” em cada lado a quem o governante de turno podia reclamar. Com o fim do comunismo este equilíbrio deixou de existir e o mundo tornou-se mais explosivo e perigoso. Em face a essa nova realidade as democracias deverão estar prontas para agir quando uma explosão puder cau-

sar-lhes sérios danos. Elas têm de assegurar-se de que continuarão a receber as matérias-primas que suas economias necessitam. Essas são as GUERRAS DE INTERESSE. Exemplo: a recente Guerra do Golfo. Mas (estou resumindo) vão ocorrer coisas fora das fronteiras das democracias que não lhes trazem ameaça direta mas são tão horripilantes que é impossível ignorá-las, dado que as telas de TV exibem permanentemente tais imagens. E o trabalho de deter o horror incluirá, às vezes, ação militar. São as GUERRAS DE CONSCIÊNCIA. Exemplo: Iugoslávia (em setembro de 1992 era a carnagem mais notória).

O estudo é longo e paro por aqui. Crianças esqueléticas com caras de macaco podem até não pesar muito na consciência mas pesam na digestão. Se ao menos mudassem os horários dos telejornais!

Começa então o “humanitário”, que não é encargo do Brasil. Nós já temos o Piauí, a Campanha do Agasalho, a Feira da Providência e mais dezenas. Graças a Deus, desgraças não nos faltam.

O humanitário é do Norte pós-industrial. Como a ONU não tem meios financeiros e as crises se multiplicam, operações tipo Somália dependerão cada vez mais da única superpotência, mais precisamente da insistência da CNN e da conveniência do presidente de plantão. No caso da Somália o presidente Bush quis encerrar seu mandato com um *beau geste* que ficou para o presidente Clinton descascar.

Quanto às carinhas de macaco, coitadas, já não têm o mesmo ibope. Na Guerra do Biafra de 1967, sim, foi um *frisson*. Fizeram a carreira de muitos fotógrafos. Agora as pessoas já estão se habituando. No fundo o que incomoda as pessoas de bem é o que os outros vão pensar se elas não demonstrarem preocupação com as pobres criancinhas que estão morrendo de fome. Nada mais. O “humanitário” é um sedativo da consciência reforçado pela certeza do reconhecimento social. A “operação” tipo Somália parte do consenso de que “é preciso fazer alguma coisa”, passa pelo espetáculo televisivo, pelas conveniências político-eleitorais, internacionais (“calma, Yeltsin, primeiro as criancinhas, depois o teu emprego que vai custar 38 bilhões enquanto as criancinhas saem quase de graça; liga a TV e vá tomando esse Ballantine’s 12 anos”) e pelo narcisismo *boy-scout* dos voluntários não-governamentais. Tudo isso é hipócrita demais.